

O TEMPO NO CORPO DA LINHA

Autor: Tâmara Martins.

Orientador: Vlad Eugen Poenaru

Banca: Eugênio Paccelli da Silva Horta. (Escola de Belas Artes UFMG); Joice Saturnino de Oliveira (Escola de Belas Artes UFMG).

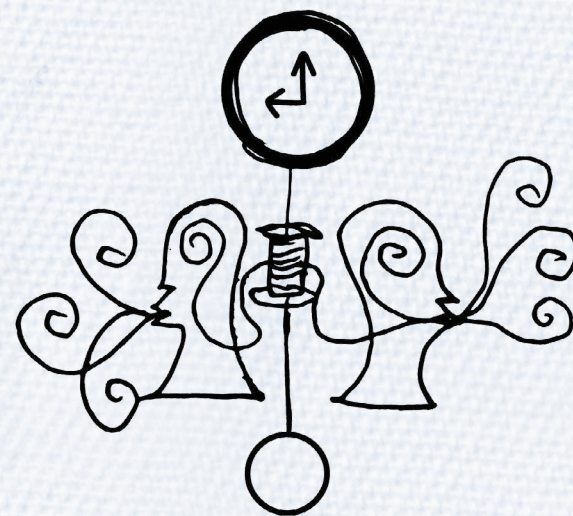
Capa: Tâmara Martins.

Ilustrações: Todas as ilustrações foram criadas especificamente para a apresentação do TCC, por Tâmara Martins.

Projeto Gráfico: Tâmara Martins;
Vlad Eugen Poenaru.

Fotografias: Tatiane Coura.

Revisão de texto: Isabella Lisboa.



Tempo no corpo
da linha

Tâmara Martins

O tempo no corpo da Linha

Trabalho de Conclusão de
Curso (TCC) apresentado ao
Colegiado de Graduação em
Artes Visuais da Escola de
Belas Artes da Universidade
Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Artes
Visuais.

Habilitação: **Artes Gráficas**
Orientador: **Vlad Eugen Poenaru**

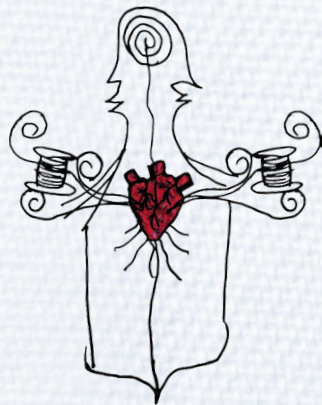
Belo Horizonte
Escola de Belas Artes UFMG
2016

SUMÁRIO

1. POR QUE EU FAÇO O QUE FAÇO E COMO FAÇO? COMO ENTENDER O QUE É O MEU FAZER ARTÍSTICO?.....	18
2. REFÚGIO.....	25
3. PONTO DE PARTIDA DAS LINHAS.....	33
4. ENGROSSANDO O CARRETEL.....	43
5. ANGÚSTIA.....	55
6. POEMA: EU E A LINHA.....	64
7. ATO DE BORDAR, UNIR E ALINHAVAR.....	67
8. ANÁLISE DOS CAMINHOS.....	91
8.1 Resultados.....	107

9.	111
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113
11. SITES CONSULTADOS.....	115
12. BIOGRAFIA DE APOIO.....	117





Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer à Deus e às forças do Universo por sustentarem as linhas do meu ser até este momento. Muitas romperam pelo caminho, mas foi possível remendá-las e continuar fiando esta semente que se tornou uma pequena muda e pretendo regá-la ao longo dos meus dias nessa terra.

Agradeço à minha mãe Maria Sandra pelo seu jeito simples que me mostrou em muitos momentos o que meus olhos não enxergavam. Também ao meu irmão Bruno e meus tios, Roberto e Sônia, que constituem este meu lar.

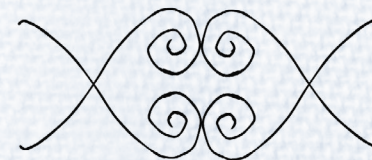
Meus agradecimentos aos amigos da habilitação em Artes Gráficas Fernanda, Ingrid, Isabel,

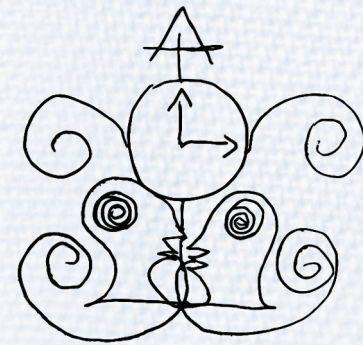
Marcos, Marianna, Tatiane, Viviane que acompanharam o fio deste trabalho se desenvolvendo e contribuíram em vários momentos para seu crescimento. A TV UFMG pela compreensão sobre a importância deste momento e aos amigos fora da Universidade que deram suporte e força, mesmo as vezes não compreendendo minhas viagens mentais.

Ao meu orientador Vlad, agradeço por me guiar nesta jornada de descrever o processo de ajudar um artista em construção a se encontrar e que

muitas vezes fica cego pela dúvida do amanhã. A Julia Panadés por me permitir frequentar suas aulas e pelas conversas sobre linha e tempo que possibilitaram enfrentar com mais força as formas sobre a superfície do tecido que estou desfiando. A Isabella Lisboa aluna da Letras UFMG por se propor a revisar o português e podar as “pontas” gramaticais para ficar um texto mais redondo.

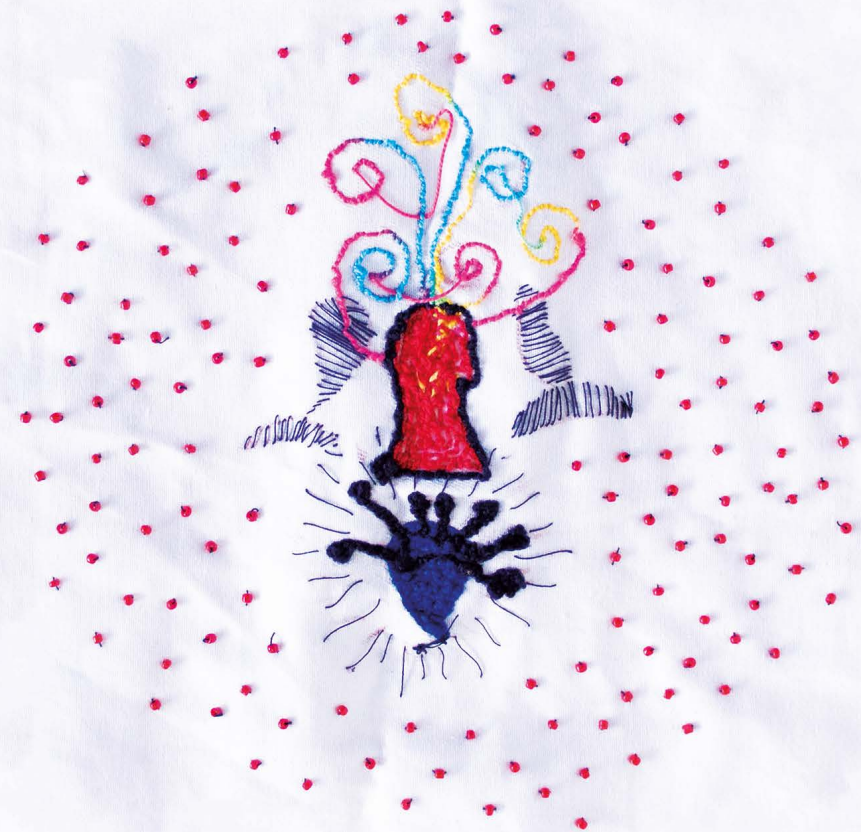
Agradeço a Escola de Belas Artes da UFMG por dar valor a todas as propostas de arte e motivar seu desenvolvimento.

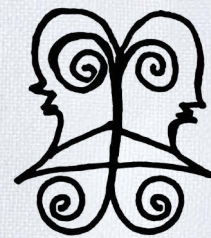
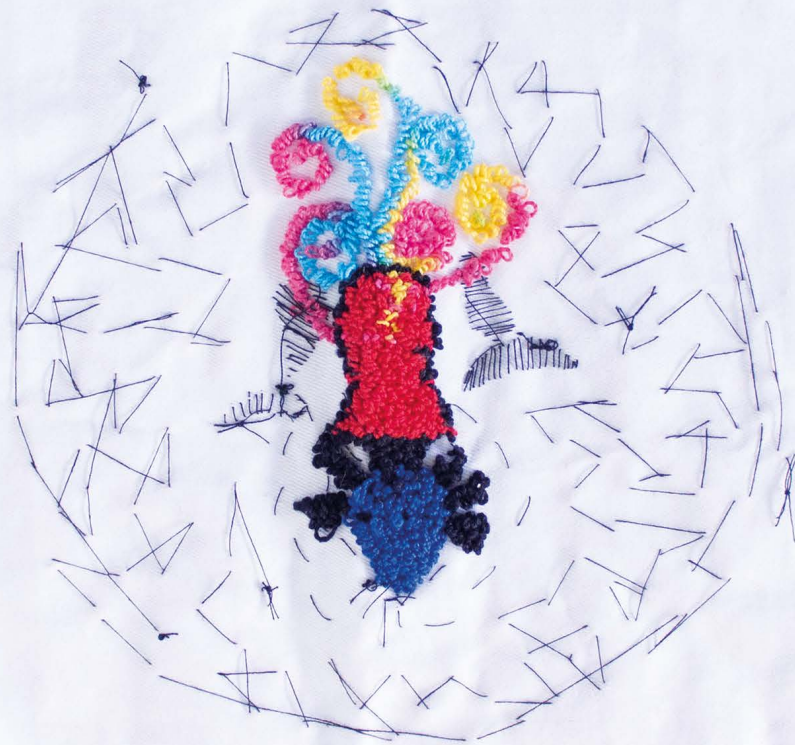




O tempo perguntou para o tempo
Quanto tempo o tempo tem
O tempo respondeu para o tempo
Que o tempo tem tanto tempo
Quanto tempo o tempo.

Ditado popular





Por que eu faço o que faço e como faço?
Como entender o que é o meu fazer
artístico?



Estes questionamentos martelavam o meu pensamento toda vez que eu pegava em uma agulha para bordar.

Era como se, enquanto eu não compreendesse as questões possíveis do meu trabalho, ele não ganharia verdade, seria apenas mais uma imagem criada do nada, para ninguém e para nada.

Isso me causava bastante angústia. Era uma tor-

tura não conseguir dizer o motivo daquelas linhas estarem se formando pelo trabalho das minhas próprias mãos.

Pela necessidade que tenho em produzir muitas peças, sempre querendo mais e mais trabalhos feitos, e nunca estava suficiente.

Esse fazer incessante funcionou como uma distração para abafar um pouco as minhas questões.

Mas era apenas um

Uma mente em ação mostra reflexões de toda espécie. É o artista falando com ele mesmo. São diálogos internos devaneios desejando tornar operantes; ideias sendo armazenadas; obras em desenvolvimento; reflexões; desejos dialogando¹.

¹ SALLES, Cecília. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. p.43.

modo de fugir ao problema, pois ele continuava lá, me esperando. Procurei compreender melhor, bordar menos e observar mais.

As linhas eram evidentes como gritos. Como o meu processo de trabalho já se desenrolava nas formas dos desenhos, precisei apenas juntar as pistas que caíam como migalhas no meu trajeto e confiar nelas.

Juntei todas e comecei a fiar uma coerência, foi como se cada pista preenchesse uma insegurança de não saber costurar o motivo de todas aquelas linhas formarem aquelas figuras.

Estava perdida nos meus próprios pensamentos tentando compreender o que me levava naquela direção. Essa direção que fui bordando, desenhando, num gesto simples e encontrei o lugar para soltar meus sentimentos.

Um fazer manual que faz expulsar do meu ser um sentimento acumulado de experiências e conversas e se concentraram nas linhas do tecido ou papel a simplicidade do mundo que me cerca. Porque no momento em que me deparei com meu medo de perder o que estava acontecendo, pude segurá-las nesta trama.



Figura 1 - Ilustração da capa. (2016).

Desenvolvi uma forma de conseguir algumas respostas de mim mesma. Como se fosse um diálogo entre o Eu no presente e Eu no futuro, sendo “o agora” o tempo dessas questões angustiantes, e “o eu do futuro” o tempo de um entendimento.

Na informalidade da conversa imaginada, as respostas fluíram sem amarras. Cada resposta provisória me possibilitou entender melhor a razão daquelas imagens bordadas e o motivo do tecido ter vindo às minhas mãos.

Com este jogo mental ficou mais “fácil” colocar

em palavras o que eu tentava decodificar. No decorrer do texto memorial, apresento alguns fragmentos desse diálogo em itálico. Muitas vezes não conseguimos ouvir o que dizem nossos próprios pensamentos, mesmo que eles gritem.

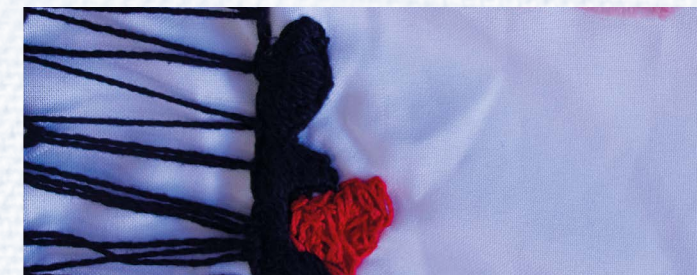
Conversar com os fantasmas que nos assombram, escutar o grito abafado, começar a compreender uma estranha coerência.

Por mais que seja apenas um pequeno passo de um enorme trabalho a ser percorrido no sentido de um entendimento mais claro,

já começo a ver as montanhas, que antes estavam encobertas, se tornando nítidas e a bruma se movimentando.

“É o diálogo do artista com ele mesmo, que age, nesse instante, com o primeiro receptor da obra”². Se criamos obras para o

mundo, antes que isso se conclua, é preciso uma conversa interna ao processo de feitura, para que as linhas dos bordados possam sustentar a conversa delas mesmas com o mundo. De modo que reste apenas guardar o fascínio ao ver o que foi costurado mundo.



2 SALLES, Cecília. Gesto inacabado: processo de criação artística. p.43.

Figura 2 - Fragmento ‘Tapete pelo caminho’ (2015).



Refúgio

“O tempo se perde nas mãos e se esvazia pelos dedos”³.

A inquietação do tempo estar se esvaindo rápido e o medo de ele levar as memórias simples do meu dia quando as deixo apenas na cabeça move minhas mãos a bordar.

Com esta angústia de esquecer e perder o que acontece ao meu redor me levou a desenhar, costurar e bordar sobre o tecido, como forma de aprisionar, prender, capturar instantes que passam rápido demais. Atar as linhas ao tecido funcionava como um modo

³ Todo trecho grifado em itálico é parte de um diálogo interno, no texto, que venho desenvolvendo para entender melhor as questões do meu trabalho artístico.

de gravar ou recordar a passagem da vida.

Consegui, assim, acalmar meu corpo e minha alma. Quando estou bordando sinto que vou conseguir impedir que o tempo passe. Antes de bordar há o desenho, os riscos das ideias, o risco dos detalhes sobre o papel, meu primeiro companheiro contra o medo inicial.

Antes que o tecido ganhe as linhas, elas correm sobre o papel, em cadernos que servem como diários, registro algum acontecimento do dia que não quero perder. Um detalhe de

uma conversa paralela no ônibus e nos corredores da escola, as flores da estação que formam grandes tapetes sobre o chão, ou aquele momento que já se passou e que insiste em retornar em minha cabeça ao longo do dia. Tudo isso vai parar em meus cadernos e registros diários.

Depois de dispor tudo isso em uma ordenação encadernada, começam os primeiros estudos de composição com os elementos. Crio várias vezes a mesma forma, repito testando as possibilidades que consigo extrair

destas formas com o gesto do desenho, já percebo o bordado se costurando com o elemento do ponto e a cor da linha.

Cada desenho sobre o papel me esvazia a mente. Porque é pela necessidade que tenho de guardar

todas as lembranças, acabo ficando “cheia”, e quando desenho com a ponta da agulha, é como se eu ganhasse espaço vazio para lembranças emergirem como ideias.

Posso ficar sem bordar por um tempo. Se isso



Figura 4 - Bordado montagem (2016).

acontece, fico tão “cheia” a ponto de começar a sonhar com as figuras. Então, sinto que é a hora de costurar, nesse acúmulo, meu ser necessita de materialização através do ato de costurar para o esvaziamento da mente.

“Quando estou desenvolvendo um bordado, prendo

um instante que não voltará mais.” A captura do instante com as linhas provocou uma desaceleração do tempo. Pelo fato de estarmos em uma sociedade em que tudo se tornou rápido; corro contra isso.

Seria como uma corrente de um rio, em seu curso natural sempre para



Figura 5 - Bordado montagem (2016).

frente; então nado no sentido contrário, e mesmo nesta situação de ir contra, “o rio do tempo” é sempre forte e voraz, não percebo mais o peso do tempo passando e me empurrando. É como se tudo se tornasse até mais lento. No gesto de bordar, lento e calmo, consigo parar o tempo, é como se por algumas horas tudo ficasse devagar, enquanto estou no transe das linhas. Como se, a cada ponto que faço, o ponteiro do relógio fosse girando mais devagar.

Deter o tempo contrapondo a velocidade louca que vivemos. É preciso

diminuir essa sensação de que tudo está indo e nada fica, porque o tempo corrói toda recordação. Pois o mesmo tempo que constrói as lembranças as destrói e as apaga.

Nos tecidos encontrei meu refúgio contra as agressões do tempo. Os bordados conservam o frescor da lembrança cada vez que olho para meus tecidos. Como a recordação, presa àquelas tramas, estivesse acontecendo novamente, naquele instante, como fosse uma eternização um congelamento do tempo.

“Tenho uma memória que

estou com medo de perder. Vem com a necessidade de transportá-la da minha mente ao tecido para prender o fluxo e ganhar materialidade, porque o objeto físico me possibilita cuidar melhor das minhas lembranças e esquecimentos.”

Salvando os meus momentos, comecei a criar códigos de representação e, assim, construir meu próprio vocabulário para ilustrar minhas ideias e manter os momentos presentes como imagem. Pelo medo de que se apague, acabei me guiando pela trajetória de bordar experiências e

instantes, para que a linha sobre o tecido lhes dê lugar, fortifique para que fio frágil da memória não se perca. *“Sobre o tecido busco essa eternidade de um momento que constrói o que foi perdido nas idas e vindas da vida”.*

Ao longo do dia, com os acontecimentos, vou processando, na minha cabeça, todas as imagens, trajetos e conversas, num lugar que vou chamar de consciência racional; nela vou elaborando mais racionalmente minhas figuras, as proporções, como vão se organizar sobre o papel.

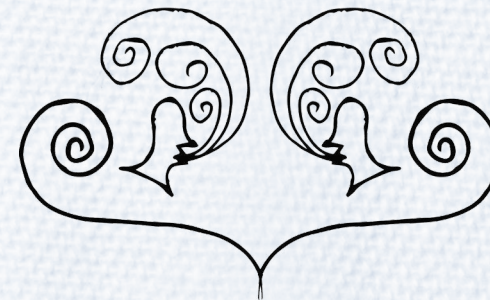
Vou usando elementos que são de fácil conhecimento como ônibus, árvores, coração, nuvens, casa, caminhos.

Depois quando estas imagens vão para meu subconsciente, que vou chamar de irracional, elas se simplificam e se tornam linhas e contornos sutis. Essa curiosidade, de perceber como meu en-

torno se transforma em imagens no fazer artístico, desenvolvi dois exercícios de análise do meu caminho diário, com desenhos e reflexões sobre as figuras que foram usadas. Com esses cadernos, pude notar para qual direção meus olhos direcionavam. Fotografei, desenhei e anotei sobre lugares e impressões absorvidas.

A escrita exige de mim um tempo para a reconstituição de uma memória que emerge das experiências. E a memória é vizinha de um imaginário a ser vivido. A vontade de construir um texto encadeado, iscando o miolo do ato de criador, impulsiona o redimensionamento das minhas experiências já vividas, vindas das mais distintas fontes: desamarrear e desfilar o tecido que é trama no decorrer do próprio ato de estar criando algo que vem de algo que vai⁴.

⁴ DERDYK, Edith. Linhas de horizonte: por uma poética do ato criador. p.13.



Ponto de partida das linhas

Na produção dos trabalhos ao longo do percurso acadêmico, sempre aconteceu um desencontro entre o que eu gostaria de desenvolver e o que era “solicitado”; uso este termo porque muitas vezes parecia ser uma demanda. Não pretendo aprofundar

nesse assunto; é apenas uma reflexão particular sobre minha trajetória acadêmica, que até este momento, precisei fazer para entender que meu trabalho já estava acontecendo, mesmo que em outras formas.

Porque as linhas sempre deram um jeito de cos-

turar em outras materialidades que não seja o tecido.

Chegou um momento desta realização: produzir aquilo que tinha vontade de fazer e que vinha desenvolvendo na minha pesquisa particular. Tinha uma dificuldade de trazer esta pesquisa para os ateliês, mas devido às “pressões” que minhas imagens estavam causando à minha mente, a junção se fez. Nem senti quando isto aconteceu.

Fiz um levantamento de todos os trabalhos que fui desenvolvendo para observar melhor tudo e notei a essência do que estava

motivando minhas mãos. Em muitos trabalhos, é possível encontrar as linhas de bordado, costura, representação de figuras humanas, lembranças.

Foi apenas uma questão de ter um olhar mais calmo sobre o que havia feito, no esfriamento da produção as respostas foram se formando.

Nas figuras que compõem os trabalhos, busco apurar meus sentimentos em relação a determinado fragmento de lembrança. Deixando codificado o dia com elementos sintéticos, para facilitar quando olhar

novamente. Trago nestes desenhos corações, linhas que ligam os órgãos à cabeça.

A cabeça vem como a racionalização de momentos, o instante no qual já costurava uma ideia de bordado. Muitas vezes,

estão ligados por linhas que os tornam apenas um, uma aproximação com o outro.

Nessas figuras não trago o gênero homem ou mulher, porque busco com minhas representações a unificação na qual todos somos iguais.

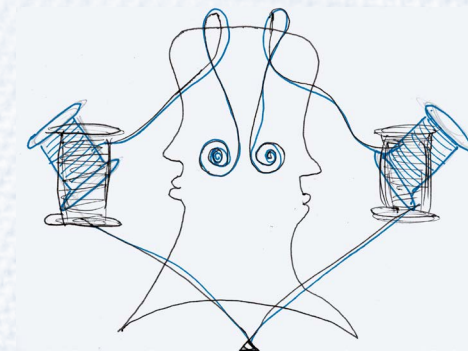


Figura 6 - ‘Sem Gênero’ (Desenho Cartilha Diários) (2015).

O tempo e a lembrança são a motriz, a gasolina da produção. O relógio, ponteiros, antes e depois, as flores, árvores, galhos, ampulheta, lâmpada acesa, apagada, conversas, pessoa e fatos da rotina vêm como represen-

tação do tempo e da lembrança. É como se meu ser fosse composto por estes elementos.

O carretel, por exemplo, pulsa forte sobre minhas representações. Como se, no lugar do cérebro, tivesse um grande carretel

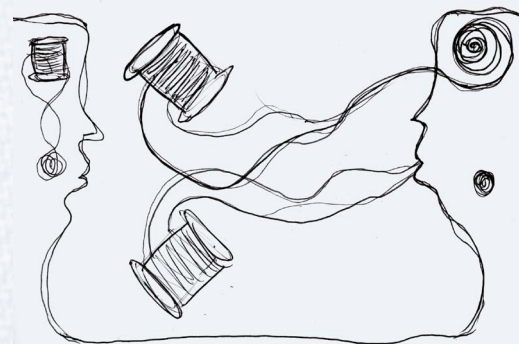


Figura 7 - 'Linhas em conversas' (Desenho Cartilha Diários) (2015).

de linha que se desenrola até minhas mãos e se torna linha bordada "meu ser é composto deles, alimentado de linhas".

Nesta criação, muitos sentimentos ficam envolvidos: eles vêm e vão para que ganhem força

na tensão da linha. Coloco sobre meus desenhos minha percepção do ambiente em que convivo; é como se meu trabalho nunca parasse de acontecer. Ele caminha comigo durante todo o dia, até o instante em que preciso parar a rotina e costurar.



Figura 8 - 'Linhas em conversas' (2015).

5 DERDYK, Edith.
Linhas de horizonte:
por uma poética do
ato criador. p.25.

Nas figuras busco construir
uma aproximação com
outro, pois ao longo das
lembranças, que vou rela-

tando sob o papel, algumas
que não são minhas.

Algumas vou ga-
nhando ao longo do dia

“Essa experiência de criação tritura sensações, ruma emoções e impressões diariamente vividas, nos desenvolve uma percepção carnal quase que abstrata de estar no tempo e no espaço, de ser o tempo e o espaço de fazer um tempo e um espaço”⁵.

Figura 9 - ‘Linhas
em conversas’
(2015).



porque muitas vezes desconhecidos me param para conversar e, ao longo da conversa, começam a contar suas experiências de vida com família, relacionamento, escola e trabalho. Então me aproprio destas lembranças e faço delas minhas.

Tornando “nossa” recordação e me coloco nela de uma forma que parece que sempre fiz parte daquele instante que acabei de ganhar. A partir destes acontecimentos, toda conversa com amigos, familiares, colegas de trabalho, tento buscar estas recorda-

ções que são jogadas em conversa passageiras, em corredores da escola, na pausa para o café e até em esbarrões no banheiro, pois não gosto de “pedir uma recordação”.

Porque, quando tentei desta forma, percebia que era uma memória editada. Sem perceber, a pessoa que estava me dando aquela recordação omitia a melhor parte. Tirando assim o brilho da lembrança.

Depois dessa pequena tentativa, voltei a capturar sem perceberem. Como quem estivesse naquela conversa e, sem

perceber, tirasse o melhor da história. Decidi então parar de pedir diretamente recordação e comecei a captura sem que fosse percebido e usá-la da forma que eu achasse melhor.

Nesses pequenos fragmentos que então vou acumulando, me torno mais completa, usando-os para preencher os buracos do meu ser. Faço o que é vivo no outro viver em mim.

Como se todos fôssemos uma grande massa de uma mesma cor que, alinhavada sobre meu ser, não me torne um Frankenstein e, sim, uma Vênus de

Milo, que tudo está em seu devido lugar, construindo um ser melhor.

Nesta junção, tudo se torna harmonioso. Nesses acontecimentos de troca de recordações, às vezes suaves, e, outras, mais fortes, foi como um “estalo” na minha mente, que todos aqueles esbarrões com estranhos e suas lembranças misturadas às minhas deveriam fazer parte do meu trabalho, e se não tivesse notado como era importante, talvez este fazer artístico que estou aprimorando não me soasse tão verdadei-

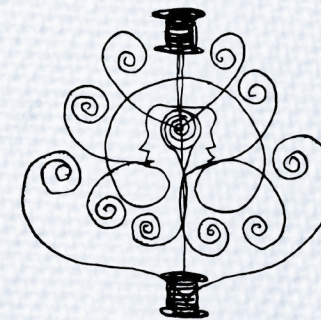
ro como soa agora. “São resíduos que trabalham como uma cola que pudesse grudar nossas partes compondo um todo ínte-

gro, coerente, único, coeso, idealizando uma nostálgica experiência de equilíbrio, constitutivo na formação de um sujeito”⁶.

⁶ DERDYK, Edith. *Linhas de horizonte: por uma poética do ato criador*. p.16.



Figura 10 - Bordado montagem (2016).



Engrossando o carretil

Neste capítulo vou distender uma análise pessoal para entender de onde o bordado se desfiou até chegar ao que estou bordando.

São pontos que fui costurando e tornaram a linha do meu trabalho mais forte. Uma reflexão que

mostrou como a construção como pessoa, o caminho percorrido é fundamental para entender o porquê do tecido e linha como forma de expressão. Acredito que voltar à minha história possibilitou interpretar o porquê de certas decisões terem sido tomadas.

7 SALLES, Cecília.
Gesto inacabado:
processo de criação
artística. p.37.

“Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único”⁷.

Sempre estive cercada de técnicas manuais, por exemplo, a cestaria, crochê, ponto cruz, bordado em pedraria, tricô.

Aprendi esses pontos quando criança em projetos da Prefeitura no bairro, onde ensinava a população a desenvolver trabalhos manuais e assim gerar renda extra para famílias. Todos os pontos e técnicas

que aprendi nesses lugares, costurei ao meu bordado de uma forma mais livre. Uso como base o conhecimento que tenho, mas agrego de uma forma destorcida a maior parte.

Muitas das aulas em que aprendi estas técnicas de bordado, tricô e os pontos, um detalhe marcante nesse desfiar do meu percurso me fez parar nas pro-



Figura 11 -
Fragmento ‘Carretéis
de ligação’ (2015).

Figura 12 -
Fragmento
'Fragmento de
ligação' (2015).



fessoras de bordado que sempre contavam histórias e as experiências enquanto ensinavam. Era como se todos nós fôssemos da mesma família, trocando lembranças e bordando. Cada um naquela sala contando um pedacinho do que compunha sua história. Era algo acolhedor, isso é muito vivo na minha memória.

Nesse fio que puxei, percebi como isso era fonte de muitas respostas do que estava acontecendo em meus desenhos bordados. A recordação entregue ao outro era capturada, sobre as linhas, pois muitos dos

trabalhos desenvolvidos eram representações das experiências das alunas. Esta recordação das aulas é tão forte que nem preciso bordá-la, pois é viva como as linhas que prendo no tecido.

Nestas reuniões, foi onde tive meu primeiro contato com a memória de estranhos de uma forma mais artística, porque muitas das coisas faladas em sala de aulas acabávamos bordando. Em meus diários, muitos desenhos resultam de encontros com estranhos em situações da minha rotina. Como se, em uma conversa

de roda ou em um esbarrão com desconhecidos, eles tivessem a necessidade de contar de suas vidas. Isso era algo tão rotineiro que

me incomodava no começo, mas me fez enxergar que deveria fazer parte do meu trabalho oficialmente. Depois dessa fusão do

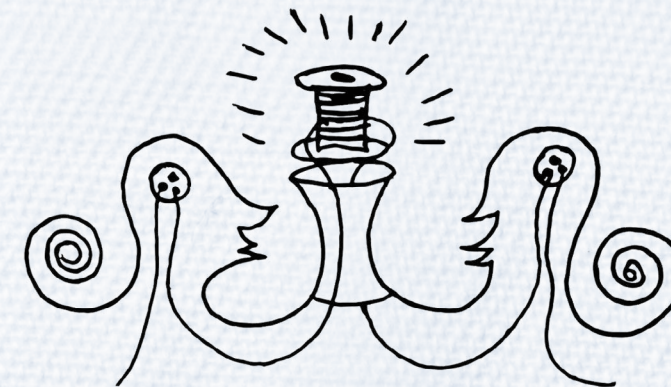
Figura 13 -
Fragmento 'Ida sem
volta' (2015).



relato de desconhecidos no meu trabalho, pude notar a forte relação que temos com outro e como somos parecidos. O que eu acreditava

ser único, começou a ser coletivo já que a lembrança estava nos aproximando cada vez mais, tanto nos temas, como nos elementos

Figura 14 - Desenho
'No caminho'
(2016).



simples, de fácil entendimento, que eu ilustrava.

Abaixo, uma imagem de uma conversa que tive no ponto de ônibus e uma memória que eu pedi a uma amiga. Na figura 15,

uma conversa com um desconhecido no meu ponto do ônibus em que ele me disse sobre como a primavera estava florida naquele ano e como os tapes de flores estavam lindos; e também



Figura 15 -
Fragmento de uma
conversa no ponto
de ônibus (2015).

falou que o ônibus que ele pegava o deixava bem perto da casa dele.

Coloquei elementos que fazem ligação entre nós: o ônibus, as flores. Na figura 16 solicitei a uma

amiga que me contasse uma recordação marcante. Contou sobre seu dia no zoológico e o encanto com elefante. Verifiquei que ela estava editando as melhores partes daquele dia. Na



Figura 16 -
Lembrança que
pedi a uma amiga
(2015).

singularidade que costura cada ser, encontrei as pérolas que compõem meu bordado pessoal.

Nessa racionalização para compreender de onde cada linha se direciona. Todo projeto poético, por mais simples que seja,

sempre se direciona para o mesmo caminho, aquele da calma, cuidado, medo e inquietação.

Tudo isso se somando para encontrar respostas, mesmo que momentâneas, proporciona, assim, uma compreensão daquele ins-



Figura 17 -
Fragmento
'Instrumentos 2'
(2014).

tante de transe, que se faz quando estou costurando.

E mesmo que já se tenha falado ou feito sobre aquilo que desenvolve, tudo é único, pois as vivências tornam meu trabalho forte. E não saberia como transcrever sobre o que

faço sem dar o valor às pequenas experiências que me constituem.

Gostos particulares, escolhas feitas, influências, todos estes pequenos fragmentos tornam as fibras do bordado a catarse do meu ser.



Figura 18 -
Fragmento
'Instrumentos 2'
(2014).



Angústia

Quando coloco uma lembrança para fora, faço com que ela ganhe liberdade para o mundo e não fique presa à mente. Assim causou um esvaziamento do meu ser para que novas memórias brotem ou retornem. Sinto que o bordado quando sai da minha mente

para o tecido, vai fortalecer e dar vida ao que é frágil ao tempo da vida, que leva tudo sem piedade.

“As experiências são tão vívidas que serão imediatamente perdidas se não forem aprisionadas por um fazer resistentemente entusiasmado”⁸.

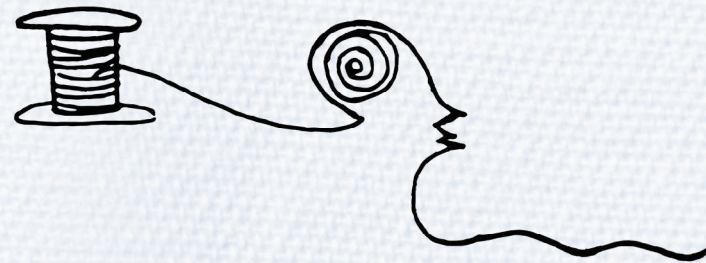
⁸ DERDYK, Edith.
Linhas de horizonte:
por uma poética do
ato criador. p.25-26.

A angústia que me acompanha de acreditar que as recordações serão pulverizadas pelo tempo se elas não se tornarem algo físico, serão uma pedra que não consegui carregar e, cada vez que tento ignorar, se tornará maior e mais pesada, e assim irá afun-

dar na minha mente até o momento em que eu não consiga colocá-la para fora por ter se afastado do fio da lembrança, o medo do esquecimento.

As linhas sobrepostas engrossam, reforçam e trazem de volta o tempo que está se perdendo.

Figura 19 - Desenho 'Formando um ser' (2016).



“Parece que estou tecendo de um lado e o tempo desfiando de outro.”
A cada vez que bordo/desenho percebo que isso que me completa, como uma citação do (Mailol-1997) no livro Linhas de horizonte: por uma poética do ato criador da Edith Derdyk (no

começo minha ideia é vaga só se torna visível por força do trabalho).

O fazer é a espinha dorsal do meu trabalho, quanto mais faço, mais percebo o porquê de fazer, e as respostas vão surgindo.

“Costura sobre costura sobre costura, linha em

Figura 20 - Desenho 'Formando um ser' (reflexiva) (2016).



9 DERDYK, Edith.
Linha de Costura.
s.p.

cima de linha: o somatório
acumulado e sobreposto
da ação da costura me faz
pensar na potência de sig-
nificação comungada com
uma hipótese de tempo”⁹.

Quando comecei a
bordar como arte, tinha a
necessidade de bordar mui-
to, porque o tempo estava
passando e, quanto mais

bordados surgiam, menos o
tempo passava.

Nos desenhos, os
elementos se repetiam, e,
para saber por que, pega-
va os diários e buscava lem-
brar o que estava passando
se passando na minha men-
te no instante. Na volta dos
primeiros trabalhos com o
bordado, onde representei

Figura 21 -
Fragmento ‘As
vendedoras’ (2014).



Figura 22 - ‘Amor
no sopro’ (2014).

minhas experiências nos armários de Belo Horizonte, aqueles lugares em que você encontra de tudo para costura, bordado e afins.

Desenhei sobre o tecido como as atendentes me tratavam. O rosto de cada vendedora que me atendeu, alinhavado sobre as tramas, os objetos de costura dos armários também ganharam lugar. No começo não foi simples detectar estas linhas que ligavam minhas figuras, as minhas experiências ou o tempo como agente principal.

Precisava compreender melhor o que estava

se formando, me perguntei onde cada figura se desenvolvia.

A resposta foi o tempo, o instante, a recordação, as relações com desconhecidos, que geravam aquelas figuras.

No desespero, a ânsia de parar o tempo e não deixar que tudo se passe e pulverize meus momentos.

Tudo era bordado no papel e no tecido, formando um vocabulário que representava minhas memórias. Nesses desenhos consegui perceber que tudo era uma queixa por tudo que está

se esvaindo e desfazendo, pelo tempo; já não era mais o grito dos tecidos, para entender o significado, mas

sim, do meu corpo e alma de perceber que só com este gesto de costura, a vida faria mais sentido.



Figura 23 - 'As vendedoras' (2014).

Figura 24 -
‘Instrumentos do
amor’ (2014).



Figura 25 -
‘Instrumentos do
amor 2’ (2014).

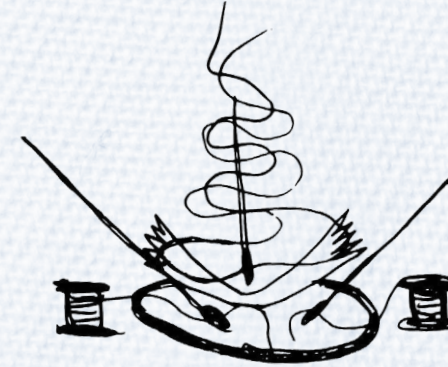


Eu e a Linha

A linha é uma continuidade de mim
Somos um único elemento.
Cada ponto
Permite-me recuperar uma memória perdida
Ou remendar uma nova que eu não tenha vivido.
Neste desespero que tenho de o
Tempo apagar da mente as recordações.
Pego as fibras
Que embolam meu pensamento
E começo a fiar, transformando as em linha.
Linhas que seguram

É que acredito estar prendendo o tempo.
Tempo, tempo, tempo,
Passa rápido sem escrúpulos
Arrebenta-me o coração
Ficamos ali um do lado do outro
Eu o vendo passar
É ele escondido
Só aparecendo
Quando eu parar e olhar.

Tâmara Martins



O ato de bordar, unir e alinhar

“Faço da costura meu espaço de registro do tempo, da história da lembrança, da conversa. Sentimentos de recordar e registrar guiam meus sentidos nessa ação de bordar, bordar e bordar. A cada alinhavo que dou, faço engordar a recor-

dação e aquela forma que ilustra a situação, que pode ter acontecido agora, ontem ou há dez anos, não importa. Apenas o ato de costurar importa o ato de repetir, costurar, alinhar, unir”.

Reforçar a linha da lembrança com as linhas de

10 DERDYK, Edith.
Linhas de horizonte:
por uma poética do
ato criador. p.25.

costura sobre tecidos torna
a experiência de recordar
mais forte.

Lembrança se perde
muito rápido; se não pren-
der sobre as tramas do te-
cido, tenho a sensação de
que será corroída, apaga-
da. Costurei essa forma
de me aproximar, e rea-

vivar o que está sumindo.
Segundo Edith Derdyk em
Linhas de Horizonte: por
uma poética do ato cria-
dor¹⁰, “as experiências são
tão vívidas que serão ime-
diatamente perdidas se não
forem aprisionadas por um
fazer resistentemente entu-
siasmado”. Com essas pa-

Figura 26 - Verso
cartilha dia 4
(Diários) (2014).

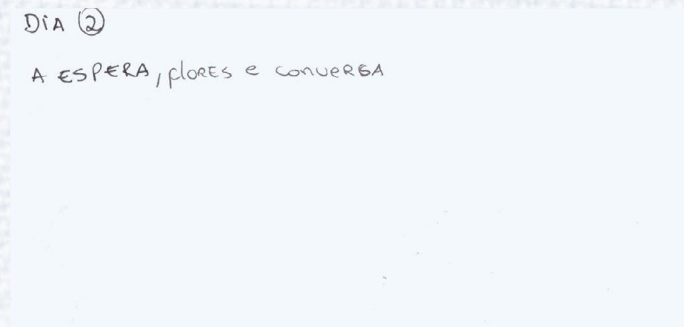
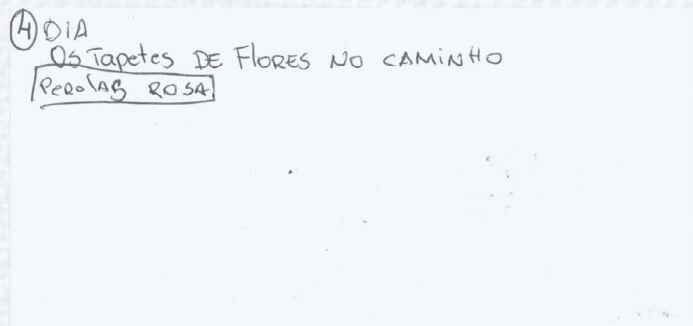


Figura 27 - Verso
cartilha dia 2
(Diários) (2014).

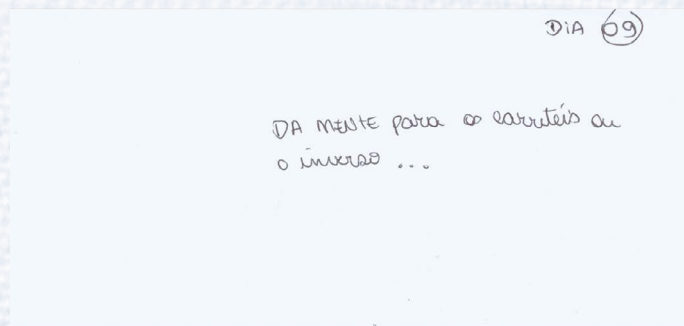


Figura 28 - Verso
cartilha dia 2
(Diários) (2014).

lavras, Edith mostra que o ato de bordar entusiasmado e a união que causa inquietação, o que satisfaz com o medo de o tempo apagar as recordações: nesta mistura ambos formam um ser mais satisfeito com o que faz. Porque não entender ou supor o sentido de as linhas costurarem aquelas figuras causava insatisfação com o trabalho final.

Esta necessidade também de organização

mostra minha extrema vontade de guardar o tempo.

Nas fichas, que vou catalogando o dia já com meu primeiro esboço, do que vai ser bordado, faço anotações no verso com dados do dia, palavras-chave para ajudar na recordação daquele momento.

Tento ao máximo gri-
far todos os pontos que ca-
racterizaram aquela situa-
ção e o que estava sentindo
no momento.

Cada instante tem o seu pesar. Apesar de todo o momento ser absolutamente preenchido por incontáveis instantes, cada instante é ponto singular. Se destaca da multiplicidade plural. O deslocamento deste instante pontual desdenha a linha do tempo. E neste macro cruzamento de trinta milhões de circunstâncias particulares e singulares, eis qualquer um de nós¹¹.

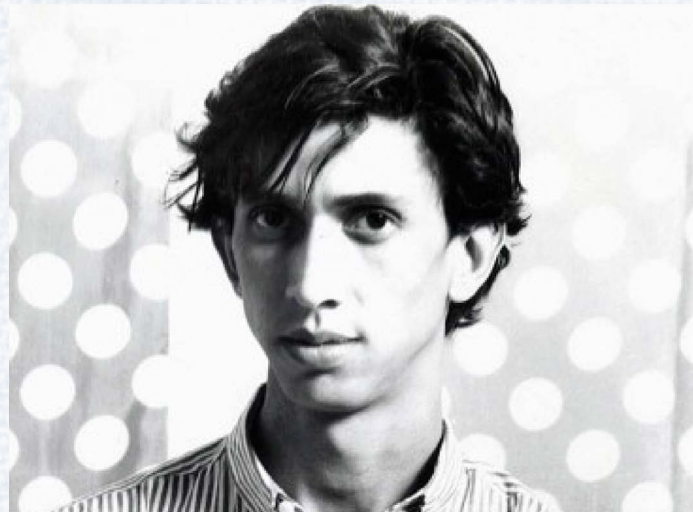


Figura 29- Ilustração
cartilha dia 4
(Diários) (2014).



Figura 30 - 'Tapetes
pelo caminho'
(2014).

Leonilson -
Fortaleza (CE)
1957-1993.



O artista Leonilson, com sua expressão pessoal e subjetiva. Na ironia e sensibilidade com o mundo, foi capaz de expressar o

que sentia no seu interior. Capaz de tocar o mais duro coração e todos com sua obra sutil. Seu trabalho é um diário para o mundo do

que sentia. Sua necessidade de registrar o seu interior e sua singularidade. Sempre se questionando o destino do sujeito. Nossos trabalhos possuem uma semelhança visual, no jeito de fazer os trabalhos e a forma de mostrar seu mundo interior. Seus diários são totalmente pessoais, que registravam sobre os sonhos e as ilusões, as relações amorosas, as paixões platônicas e aquelas não correspondidas, os caminhos de um rapaz apaixonado, o coração, os amantes e os amados, reais ou invertidos, bem como autorretratos, a fantasia, a

sexualidade, os dias e horas que se passam e a doença (Leonilson descobriu ser portador do vírus da Aids em agosto de 1991).

Nesses diários, Leonilson queria ser simples e mostrar o que passava em seu interior; fazendo uma comparação com os meus, percebo algumas diferenças, apesar de nosso trabalho serem bem semelhantes.

Procuro com diários que vou criando mais uma maneira de aproximar do outro, com uma relação de lembranças. São diários feitos para não perder o

instante e não perder o sentimento que sentia. Quando encontramos artistas que têm uma linguagem parecida

com a nossa, torna tudo menos perdido, é como se encontrássemos um amigo. É fácil sentir a simplicidade do traço com suas

linhas no desenho e no bordado, a forma de desenvolver situações um pouco delicadas, de um jeito sutil. Leonilson faz

um pedaço dele viver no observador de sua obra. Tive a oportunidade de ver sua obra exposta no CCBB da Praça da Liberdade em

Figura Esquerda:
Leonilson
'Moda bizarra aterrissa nas bocas e nas TVs' (1991) Tinta preta sobre papel.

Figura Direita:
Leonilson
'Ano zero km sai por preço de banana' (1992) Tinta preta sobre papel.



Figura Esquerda:
Leonilson
'Paixão é pior que andar em ônibus lotado' (1993) Tinta sobre papel.

Figura Direita:
Leonilson
'Miami é Rio de Janeiro que deu certo' (1992) Tinta sobre papel.



2015, e foi um marco para meu trabalho, já que havia pouco tempo que bordava. Voltei várias vezes, para tentar observar ao máximo e entender como ele conseguia simplificar seu mundo.

Nas ilustrações que realizou para a coluna “Talk of the Town” de Barbara Gancia na Folha de S. Paulo, entre março de 1991 e maio de 1993, por exemplo, mostra esse jeito de absorver grandes questões e transformá-las em simples leituras com os desenhos. Leonilson recebia apenas o título da

coluna sem texto, então ilustrava sobre o papel, exercitando e aumentando seu vocabulário e imagens. Nessas linhas percebi como ele era uma esponja do mundo. É impressionante como, com apenas uma frase, conseguia desenhar, com uma riqueza de detalhes, temas como às crises da Aids, da corrupção, do Congresso e da violência no Brasil.

A possibilidade de ver de perto o trabalho de um artista demonstrando, de forma delicada, questões interiores, fez com que as linhas, que eu estava

receosa em desenrolar, só se fortalecessem. O isolamento e a solidão, elementos que o Leonilson usava recorrentemente, são

o inverso das minhas linhas. Nos bordados construo figuras, tentando tirá-las do isolamento, unindo-as com minhas espirais e carretéis.

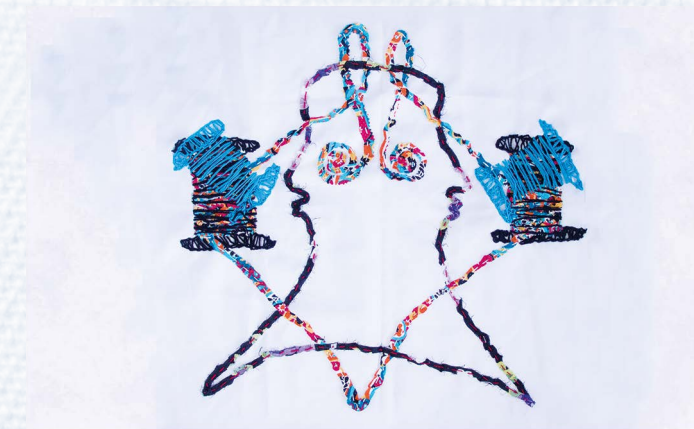


Figura 31 - ‘Sem Gênero’ (2014).

Figura 32 -
'Carretéis de
ligação' (2014).



Nosso trabalho possui uma ligação muito forte, não só pelas linhas do desenho e o tecido, mas pela forma sutil de mostrar, com imagens simples, a explosão do que se sente. Essas imagens, que reviram minha mente e representam minhas memórias, se firmam com linhas.

Tudo que é absorvido ao meu redor, vou acumulando em gavetas mentais, até o momento em que vejo a necessidade de transformá-las em algo material. Mesmo que às vezes só o desenho me satisfazendo por um tempo,

o bordado sobre minhas mãos é mais forte, poder tocá-lo faz o fechamento de um ciclo, necessitando desta materialização.

O acontecimento dos fatos, o desenho no papel e, por fim, o bordado, é o processo de que preciso para entender que aquilo que estou fazendo tem o significado verdadeiro que procuro, e a firmeza do tecido traz à vida minhas experiências em forma de pequenos fragmentos de lembranças. Em uma entrevista do próprio Leonilson no Canal TV Cultura digital diz: "Escrevo

uma frase, vejo uma imagem que é importante para mim e vou guardando dentro de mim, e chega uma hora que isso tudo exige uma materialização”.

Uma necessidade de guardar tudo, mas parece que o corpo pede que estes sentimentos, vivências, experiências, tudo precisa sair de alguma forma para o

Leonilson 'Os Pensamentos do Coração' (1988).



Leonilson 'Longo caminho de um rapaz apaixonado' (1989).

mundo para que, só assim,
possa acalmar minha alma.
José Leonilson Bezerra
Dias veio nesse trabalho
como o fio de ligação forte,
mostrando nossos pontos

de semelhança. Ao longo
desta busca, de localizar
as costuras que poderiam
se unir ao meu bordado,
muitos outros foram vistos:
artistas com temáticas de

diários, memória, tempo,
bordado com o Arthur
Bispo do Rosário que
bordava com materiais do
seu cotidiano, queria fazer
com suas composições

um inventário do mundo
para o dia do juízo final.
Nesse dia se
apresentaria à Deus, com
um manto especial como
representante dos homens

Arthur Bispo do
Rosário Japarutuba
(SE) 1911-1989.



Arthur Bispo do
Rosário - 'Vinte e
Um Veleiros' (s.d.).

e das coisas existentes. Além deste manto ter os nomes de pessoas conhecidas, não poderia

se esquecer de interceder junto à Deus por elas. Bordava desenhos, nomes de pessoas, lugares, frases de

Arthur Bispo do Rosário - 'Manto da Apresentação' (1965).



jornais, episódios bíblicos. Tudo porque ele acreditava que era uma tarefa designada por vozes

que ouvia. Bispo, foi diagnosticado como esquizofrênico, mas era uma artista com uma



Arthur Bispo do Rosário 'Estandarte' (s.d.).

necessidade de bordar e fazendo isso, seria salvo. Essa ânsia por algo guiava suas mãos a fazer, bordando para algo maior do ele. Uma lembrança não para ele e sim para o mundo. Bispo do Rosário não tem este conhecimento técnico de bordado, apenas sentia que deveria costurar.

Diferente da Adélia Amorim Rocha (1935), que é uma bordadeira nascida e criada em Pedra Grande, distrito do município mineiro de Almenara, no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, filha de pai vaqueiro e mãe costureira,

aprendeu o ofício ainda criança, decidiu que iria bordar as flores que via nas mesas e nas camas das fazendas em que cresceu. Desenhava pela curiosidade. Sempre que terminava seus afazeres, dedicava-se às linhas do desenho. Mais tarde, vendo sua mãe costurando roupas, começou a se interessar por agulha e linha. Adélia é o contraponto dos artistas que fiei, pois ela vem com a arte popular tradicional.

Com um jardim sereno e acolhedor enche o mundo com suas composições coloridas e forma das flores

que fizeram parte da sua infância. Essa mestra do bordado, que é admirada não apenas por seu

conhecimento técnico, mas também por seu carácter humanístico e pelas suas atividades altruístas que



Adélia Amorim
- Rocha Pedra
Grande (MG)
(1935).

desenvolve, lembra muito as professoras que, com muita paciência, ensinaram-me o bordado quando participei dos projetos da Prefeitura

no bairro em que cresci. Preocupada em mudar a vida das pessoas ao seu redor, Adeliçia acredita que o bordado com suas

Obra Adeliçia -
Bordado



cores e formas consegue cumprir este papel.

“As cores mudam nossa sensibilidade, comportamento e nos afastam dos problemas.

Às vezes, algumas pessoas me falam que estão com depressão, aí eu chamo para bordar, pouco tempo depois elas me dizem que não houve medicamento melhor que ter aprendido a bordar”¹². Mais que um bordado elaborado e delicado sobre o tecido, mostra sua poesia presa sobre as tramas. Sua simplicidade, delicadeza e força expressam a leveza

de sua essência de vida, enxergando o mundo de uma forma diferente, com mais cores. Adeliçia construía sua arte como forma de sustentar sua família. Na força do trabalho para garantir o futuro, e tradição de passar de pai para filho.

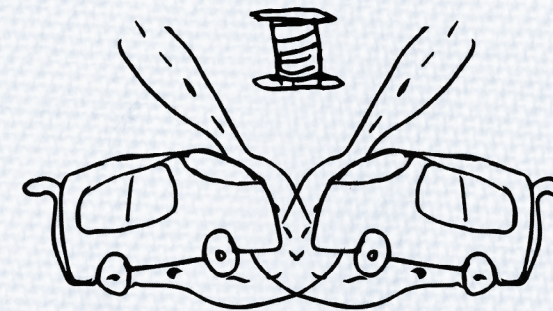
Como formam as aulas de bordado em que passaram os conhecimentos para quem quer aprender, mesmo que não fosse da sua família. Leonilson, Bispo do Rosário e Adeliçia contribuíram com sua forma de bordar, mesmo que, por pontos diferentes de

¹² Trecho entrevista Adeliçia Amorim concedeu ao site : descubraminas.com

partida, chegavam sempre ao mesmo lugar, o tecido como forma expressão de vivências, medos, angústias.

Desenhando o mundo com formas que acalmam uma ânsia por algo, o relato de um tempo, a espera

de um acontecimento, e o embelezamento com cores ao mundo. Todos esses pontos costurando e fortalecendo a existência de uma arte simples e delicada que é o bordado.



Análise dos Caminhos

Uso cadernos de desenho como modo de estudar os percursos diários do trabalho no caminho para faculdade, da faculdade para o trabalho, do trabalho para o tempo livre. Há uma vontade de conhecer o motivo de certas imagens, por que elas aparecem.

Tudo começa com a anotação em folhas soltas, as fichas de estudo que são como diários fragmentados. No primeiro caderno (composto como um álbum pela colagem fotografias impressas e desenhos) observei mais o caminho e os monumentos arquitetônicos.

Figura 33 - Página 16, primeiro caderno de estudo do meu percurso até a faculdade.



Os padrões, os círculos, os grafites, fotografei e fiz pequenas anotações em cada foto. Esse caderno usei durante todos os dias, como um estudo dos caminhos. Produzi um levantamento histórico dos lugares do meu trajeto como a Reitoria

da UFMG, o Mineirão, Basílica de Lourdes, Palácio das Artes, Praça da Liberdade. Descrevi os lugares com palavras e desenhos de como eles eram na minha visão. As figuras criadas nos cadernos me possibilitaram entender meu caminho, de

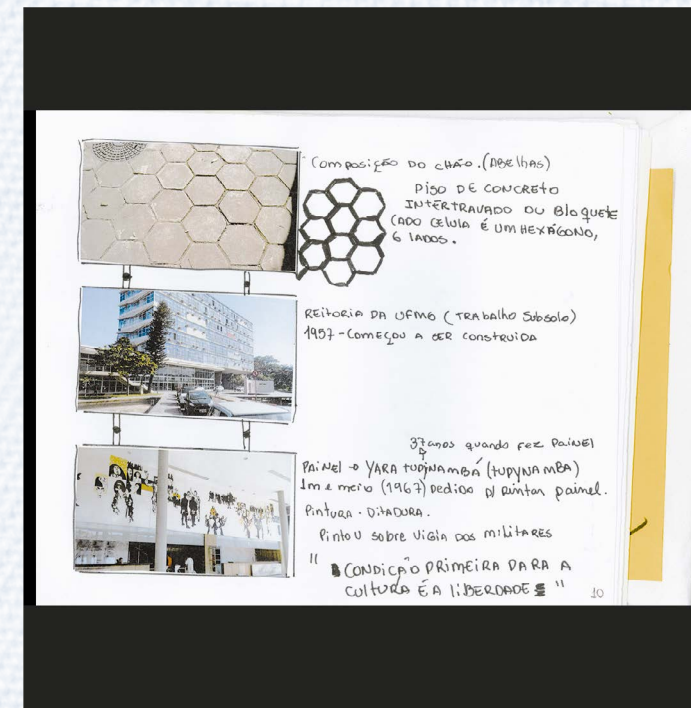


Figura 34- Página 10, primeiro caderno de estudo do meu percurso até a faculdade.

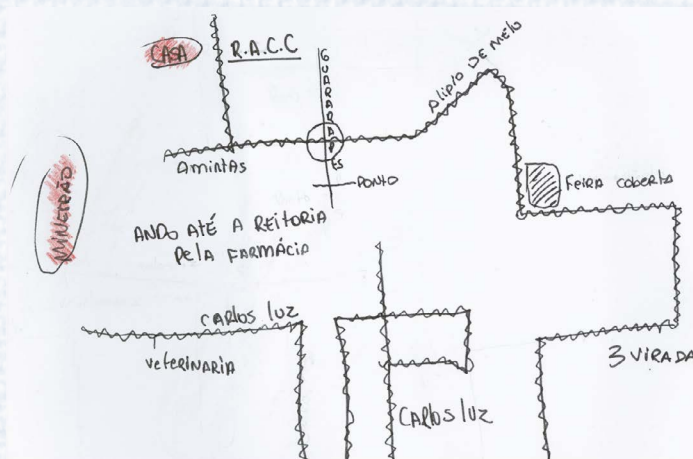
Figura 35 - Página 16, primeiro caderno de estudo do meu percurso até a faculdade.



Figura 36 - Página 15, primeiro caderno de estudo do meu percurso até a faculdade.



13 Mapa mental
percurso para facul-
dade (Página 7).



uma forma imagética, perceber como estes fragmentos chegam ao bordado.

O mapa mental¹³ do meu percurso até a faculdade por exemplo já é

um bordado completo com linhas sinuosas, riscos que lembram a sobreposição de linhas e as curvas.

A figura 37 “meu Palácio das Artes” e de “mi-

nha Reitoria da UFMG” foram bordadas com o lápis, simples e construídas apenas com riscos, um atrás do outro para dar volume a forma causando uma tex-

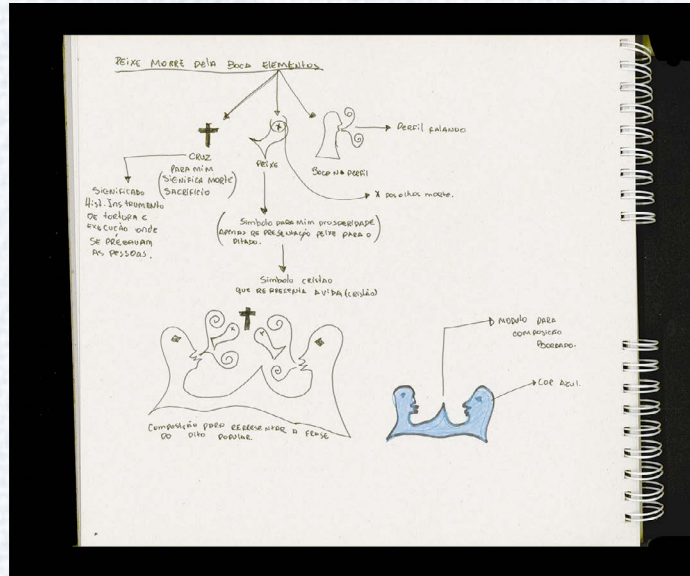
tura semelhante à da linha sobre o tecido consegue.

Nesse primeiro exercício, os lugares tiveram maior foco, sendo apenas um olhar sobre o trajeto.



Figura 37:
(Esquerda):
Meu Palácio das
Artes (Página 17).
(Direita):
Minha Reitoria
(Página 18).

Figura 38 -
Página 10, segundo
caderno de estudo,
observando
símbolos recorrentes
no bordado e
desenhos.



Cada imagem que fotografei, desenhei e fiz das pesquisas históricas não ren-

deu muita coisa, mas foi o primeiro passo para desenvolver um segundo caderno

cujo o objetivo seria desfragmentar minhas folhas das recordações e buscar

um significado mais pessoal para cada elemento. Nesse caderno 2, os estudos em

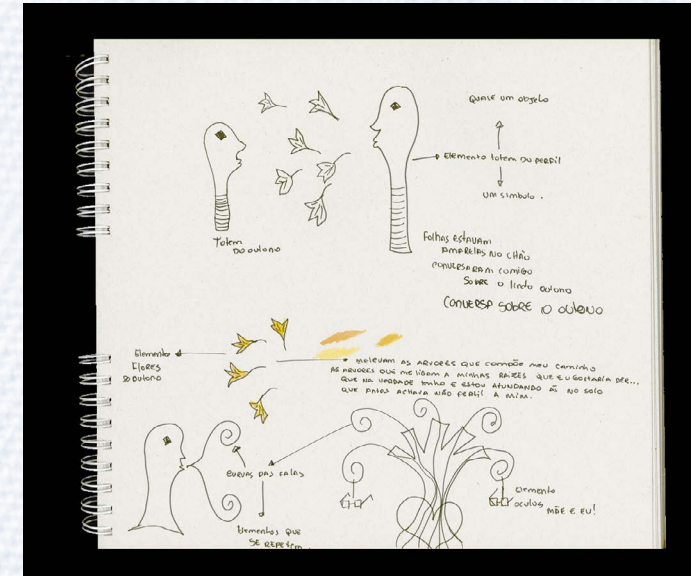


Figura 39 -
Página 11, segundo
caderno de estudo,
observando
símbolos recorrentes
no bordado e
desenhos.

Figura 40 -
Página 12, segundo
caderno de estudo,
observando
símbolos recorrentes
no bordado e
desenhos.



cima das formas que repe-
tiam no bordado desdobra-
ram facilmente. Desdobrei
possibilidades de usar a

mesma forma até uma pe-
quena criação de módulos
para repetição para talvez
fazer um bordado como es-

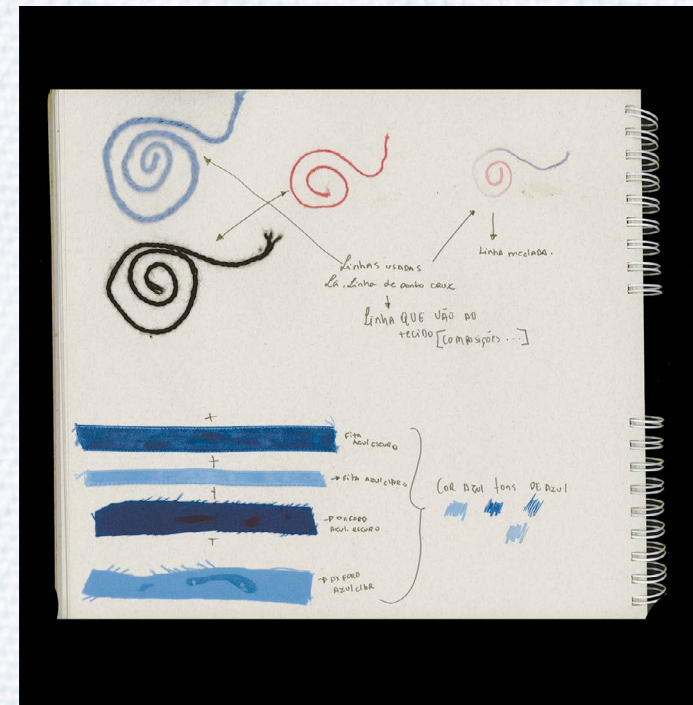


Figura 41 -
Página 16, segundo
caderno de estudo,
observando
símbolos recorrentes
no bordado e
desenhos.

Figura 42 - 'Asas ao fim'.



tampa. Estudo de compreensão de temas recorrentes em forma de fluxograma, com palavras chave. Tudo nesse exercício mostrou como meus bordados estão amadurecendo e desenvolvendo. Em um “fluxograma” feito em sala de aula, onde jogávamos palavras relacionadas ao trabalho, para buscar uma organização, as palavras surgiram com uma base de tudo que venho desenvolvendo.

Em um segundo momento puxei para reflexões que formam surgindo como a religião, figura da mulher, temas estes que pesquisarei no futuro.

Com os elementos soltos observei como era possível afastar um pouco do bordado apenas das fichas. Alinhavei com o desenho cada figura das fichas desfragmentada, costurando todos em uma única imagem. Transformar as minhas

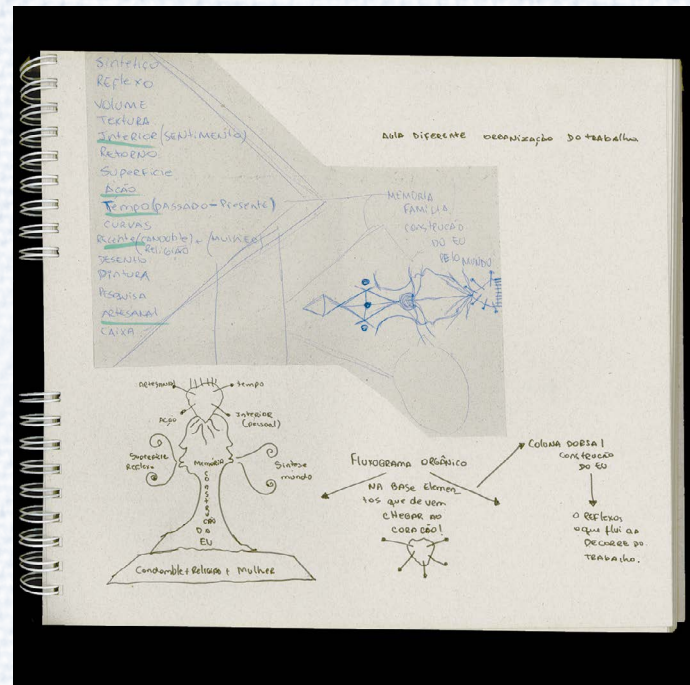


Figura 43 - Página 23, “Fluxograma” para desfragmentar temas principais do trabalho artístico, para auxiliar na pesquisa e nos desdobramentos.

lembranças, capturadas em um único ser, materializou a necessidade de aproximar a todos. Observei esta imagem abaixo por muitos dias, sentindo que ela era a representação da minha

procura. O brasão da luta mental que travo de querer recordar de tudo. Não percebia mais quais lembranças eram minhas ou de desconhecidos: agora, todas estavam em harmonia.

Figura 44 - 'Tensão em gotas'.

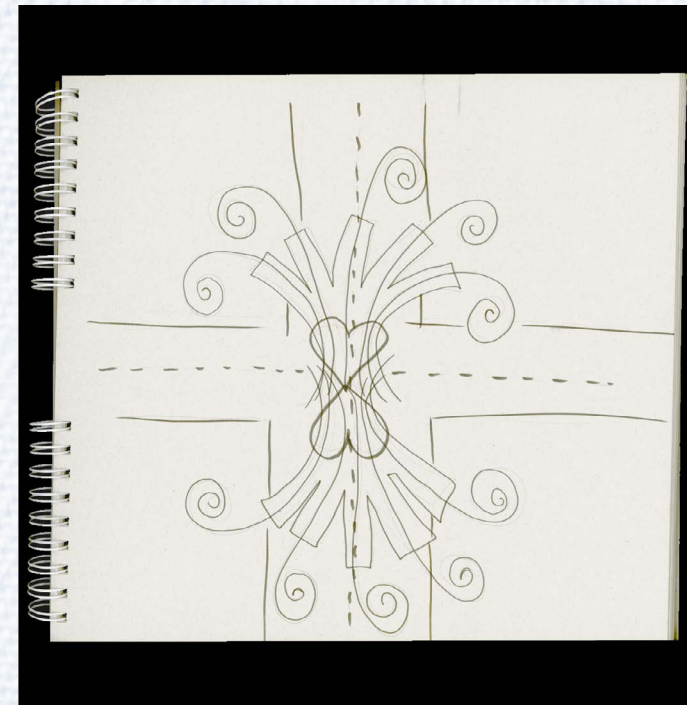
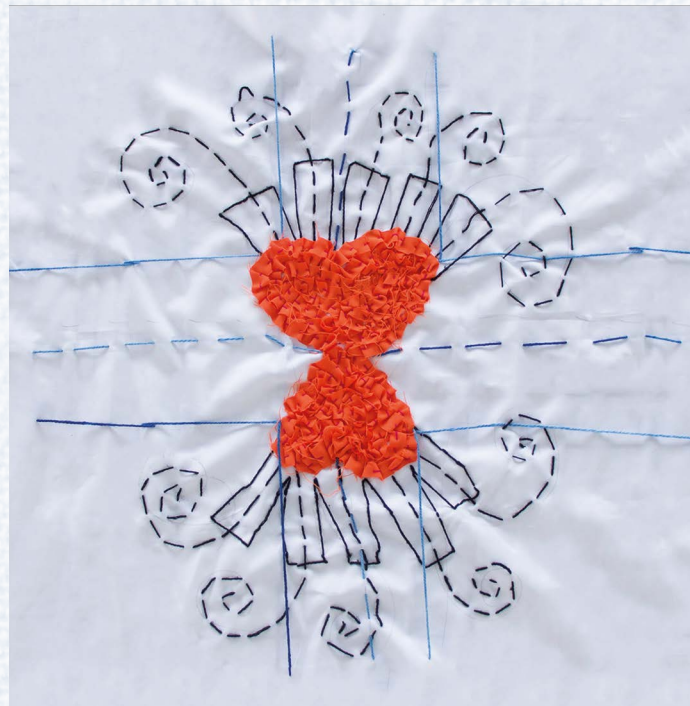


Figura 45 - 'Ruas largas de raízes' - Página 3, segundo caderno de estudo, observando símbolos recorrentes no bordado e desenhos.

Figura 46 - 'Ruas largas de raízes' (2016).



Resultados

Em ambos os exercícios, conclui-se que, para alimentar meu corpo e alma, devo sempre sair da rotina, olhar para fora do cabresto que colocamos sem perceber. Alimentar o olhar com tudo, não se fechar. Meus diários estavam colocando este tampão para o mundo, porque ficava esperando a lembrança ou algo para codificar, e nem sempre acontecia. A análise do caminho se tornou a fuga de uma rédea do tema. Para notar que cada detalhe poderia ser uma recordação e não só aquele que fosse fora da

rotina, como um estranho conversando, mas tudo era matéria prima.

Ficou evidente as muitas possibilidades de lembrança e que o tempo está em todas. Mesmo que o caminho seja igual todos os dias, pode-se tirar algo de novo a cada vez que se olhar. "Porque o que constrói o homem é aquilo que o rodeia, é sua matéria prima." Agora não tenho dúvidas

"O tempo é minha matéria, do tempo presente, os homens presentes, a vida presente"¹⁴.

¹⁴ Fragmento do poema 'Mãos dadas', obra 'Sentimento do mundo', Carlos Drummond de Andrade.

Figura 47 - 'O
clímax da união' -
Página 2 , segundo
caderno de estudo,
observando
símbolos recorrentes
no bordado e
desenhos (2016).



Figura 48 - 'O
clímax da união'
(2016).



Figura 49 - 'O
clímax da união'
(2016).



...

Nesse desenrolar de uma memória do trabalho artístico, pude confrontar os fantasmas que assombravam as linhas do bordado. Buscando compreender que a arte que fazemos deve ser verdadeira, simples e direta.



Referências Bibliográficas

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

DERDYK, Edith. **Linha de costura**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DERDYK, Edith. **Linhas de horizonte**: por uma poética do ato criador. São Paulo: Escuta, 2001.

PEDROSA, Adriano. **Truth Fiction**: Leonilson. São Paulo: Pinacoteca, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 2 ed. São Paulo: Fapesp: Annablume, 2004.



Sites Consultados

LEONILSON, Metrópolis. **Tv Cultura Digital. São Paulo: Tv Cultura. 2014.** Entrevista com o artista Leonilson. 1 vídeo (3min26s). Acesso em 12 de Setembro de 2016. Disponível em: < <https://goo.gl/YywQyk> >

LEONILSON. **Enciclopédia Itaú Cultural.** Acesso em 13 de setembro 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/B1Pgyp>>

ROSÁRIO, Arthur Bispo do. **Enciclopédia Itaú Cultural.** Acesso em 18 de setembro. Disponível em: <<https://goo.gl/CZyPh4>>

SENAC MINAS GERAIS. **Adelícia Amorim: bordadeira de Almenara.** Acesso em 23 de setembro 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/qUxosY>>



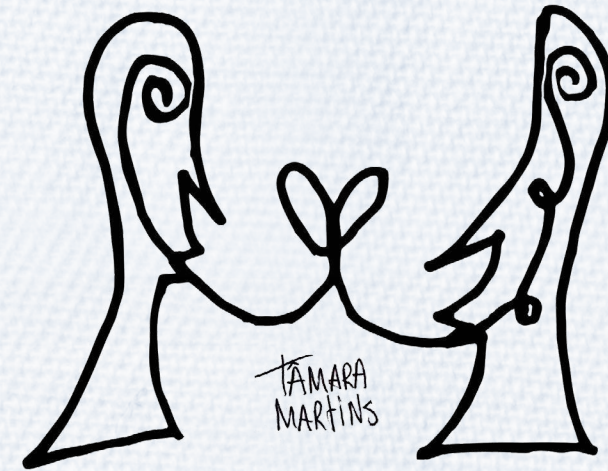
Bibliografia de apoio

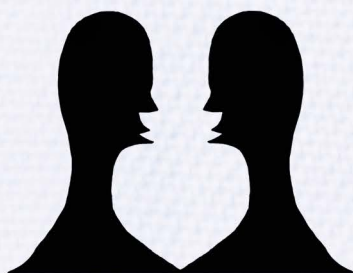
ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do Mundo**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LAGNADO, Lisette. **O pescador de palavras**. In: _____. *São tantas verdades*. São Paulo: SESI, 1986. p.28.

PEZZOLO, Dinah B. **História, Tramas, Tipos e Usos**. 2.ed. São Paulo: Editora Senac, 2007.

ROOB, Alexander. **O museu Hermético**: Alquimia e Misticismo. Tradução: Tereza Curvelo, Portugal. Itália: Taschen, 1997.





TAMARA
MARTINS